

REPUBLICA

ORGAN REPUBLICANO



Redactor-chefe
MANOEL LOPES G. LIMA

Redactor secretario
JOÃO SANTOS

ANNO XIV (PIAUHY), THEREZINA, Sexta-feira 23 de Outubro de 1908 NUM 565

REPUBLICA

POLITICA DO ESTADO

Ninguém mais ignora, no Estado, que os nossos amigos, os elementos do antigo partido opposicionista, fizeram aliança franca e leal com o partido do qual haviam dis-sentido e que tem a fortuna de ser hoje chefiado pelo illustre piauhyense dr. Anizio de Abreo.

Esta folha que é o organ legitimo desses elementos, tem dito em mais de um artigo, quão sincera é a nossa aliança, como é reconhecida e respeitada a chefia do notavel politico, como havemos de ser disciplinados e obedientes á sua autoridade de chefe.

No Rio, o deputado dr. Joaquim Cruz, nosso representante e antigo chefe da agremiação politica de que somos organ, entendeu-se perfeitamente com o dr. Anizio de Abreo, reconheceu a supremacia da sua direcção politica no Estado, quer em palestras com os outros representantes, quer em confabulações com o Presidente da republica e seus ministros, quer no discurso que proferio a 10 de Setembro, no banquete que a representação federal do Estado offerceou ao seu eminente governador e chefe.

Aqui, os nossos amigos mais salientes, Leocadio Santos, Manoel Lopes, Marcos de Araújo, Gil Martins, Adão Soares, Collect Fonseca, Elias Martins, os dois deputados que temos na Camara legislativa, os nossos representantes no Conselho municipal, a nossa imprensa, a Companhia de vapores que é dirigida por amigos nossos, o eleitorado do interior em manifestos francos e expressivos — todos havemos dito, sem ambages, sem subterfugios, que é sincera a nossa identificação com a orientação politica do dr. Anizio de Abreo e que ao mando do mesmo obedecemos como soldados leaes e disciplinados.

Fizemos mais.

Sabendo que o eminente chefe da nação, o dr. Afonso Penna, considera, conhece e olha com sympathias os nossos elementos politicos, e desejando dar ao dr. Anizio de Abreo uma demonstração cabal da nossa lealdade, os nossos directores coroneis Leocadio Santos e Manoel Lopes endereçaram ao Presidente da Republica o telegramma publicado em a nossa edição de 25 de Setembro, em o qual se enfeixam declarações e compromissos que, uma vez divulgados, permanecem como integrações insosismaveis na vida dos homens de bem.

É o nosso telegramma que nutria o intuito de prestijiar ao governador do Estado diante do chefe da nação, no momento em que aquelle tanto carecia da boa vontade deste e dos seus secretarios, para melhor servir á nossa terra, despertou bellos e dignos sentimentos nos bem formados corações dos dois estadistas.

O Dr. Penna, em resposta aos coroneis Leocadio Santos e Manoel Lopes, não occultou a grande satisfação que experimentara ao saber da nossa posição politica, no Estado, e o dr. Anizio de Abreo, tambem dissera, para cá, como recebera com agrado a manifestação sincera e espontanea que lhe fizeram.

Pois bem, é quando tudo isso se dá, quando o dr. Anizio de Abreo está convencido de que tem a seu lado um grupo de homens leaes, experimentados, representantes de uma tradição de força e de valor, quando nós, por nossa vez, redobramos de esforços para servir aos planos desse grande e bello espirito de eleição, é quando isso acontece, repetimos — que um ou dois irrequietos e concelastas da politica e do bem, inimigos eternos da ordem e do merecimento, põem á peito, desvirtuar essa obra fecunda de congraçamento, ferindo de preferencia, áquelle que, do nosso lado, mais tem trabalhado para um semelhante desiderato.

Entanto nós construímos, os, irrequietos inimigos do nosso director, labios em grita de que são amigos do dr. Anizio, põem alma, coração, instinctos e paixões á disposição da obra derrocadora desse edificio em que trabalha o egregio piauhyense.

Sabem que o dr. Anizio de Abreo tem absoluta confiança em o nosso director, sabem que um ataque de frente seria repellido na altura da aggressão, sabem que essa guerra sar-da, mesquinha e invejosa que nos movem, desagrada ao digno piauhyense, e eis que os perturbadores, os que nunca souberam crear, fojem á arona em que se batem os contendores nobres, para surjirem anonimamente, nas paginas baixas do «Commercio», desta capital.

O ultimo ataque assignado pelo «Velho politico» que é o mesmo individuo que tem mil nomes apocriphos para assignar escriptos contra todo mundo, de modos a não usar mais o seo, é a prova alvar e doentia de que ali está uma alma que se entregou aos delirios do odio e da inveja.

— Desespera porque o nosso director, um filho do povo, é chamado chefe nesses manifestos de eleitores de todo o Estado, que applaudem a sua conducta politica.

— Atira motejos a esse partido — «Cruz» — que é uma tradição viva de honestidade e de valor.

— Insinúa intrigas entre velhos servidores desse elemento, homens que estiveram abraçados nos dias negros da provação e que mais que nunca estão unidos, agora, para servirem á politica e servirem ao Estado, contrapondo elementos de ordem á acção destruidora e nefasta dos eternos descontentes.

Convençam-se porem, de uma vez por todas, esses que ali andam, a nos injuriar, contra o quozor e o sentir dos homens mais importantes do velho partido dominante, que a tentativa em que escabu-

jam não dará resultado algum apreciavel.

Insistir nesse plano é quebrar a cabeça de encontro aos rochedos estaveis.

A nossa união com a politica do dr. Anizio de Abreo pode não ser apercebida pelos nullos, pode desgostar aos ambiciosos, mas está firmada em alicerces indestructiveis, creiam no bem os que nos combatem. É impossivel dizer as cousas com mais clareza.

É isso que deixamos escripto não é resposta aos insultadores de profissão, mas uma divulgação de verdades que o Estado inteiro precisava de conhecer.

—
Sexta-feira passada, á noite, desembarcou nesta capital, vindo do Rio, o nosso illustre patriota dr. Lucrecio Dantas Avellino que vem assumir o logar de representante do Ministerio Publico junto ao Tribunal de Contas do Estado. Muitos amigos do se j venerando pae, dr. Demosthenes Avellino, receberam-n'o ao desembarque e acompanharam n'o á sua residencia. Visitamos ao distincto moço.

—
No «Piauhy», chegado de Parauhyba sexta-feira passada, vieram os nossos illustres e importantes amigos, dignos representantes do Estado, senador Raimundo Arthur de Vasconcellos e deputado Arlindo Nogueira, S. S. Ex.^{as} foram recebidos no porto do desembarque por consideravel numero de amigos e admiradores que os acompanharam até ao logar de suas residencias.

Nossas saudações de boas vindas.

—
Aniversaria-se a 20 do corrente o 2.^o tenente Antonio Marques da Rocha, commandante do destacamento federal entre nós. Consta que, para esse dia, prepararam-se merecidas festas, como justa homenagem ao bravo official. Nós, antecipadamente, mandamos as nossas effusivas saudações.

—
Tivemos communiqueação de que foram reeleitos e empossados nos cargos de director e vice director da Faculdade de Medicina e Pharmacia do Porto Alegre, Rio Grande do Sul, os Sns. Drs. Serapião Mariante e Eduardo Sarmento Leite da Fonseca. Obrigados.

UM VIAJANTE ILLUSTRE

Correra, rapidamente, de bocca em bocca, a extranha nova do reaparecimento do Jardim, pondo em alegre sobresalto os membros mais conspicuos da colonia brasileira.

Os que se agitavam á procura do recém-chegado, ao encontrarem um patricio viam logo pela sua phisionomia alterada que elle já soubera da novidade e inquiriam ansiosos:—já o viste? Não? Por onde andará elle?

E cada vez mais engrossava o grupo dos que vibravam na ansia de receberem noticias do Brazil. Ao dobrarem o recanto de uma penedia depararam de subito com o heroe que, em pé, fallava, febrilmente, em frente ao Benjamin, melancolicamente sentado em uma pedra musgoza.

Em alarido choveram as perguntas: Então que foi isto? Que ausencia foi esta? Que novidade ha? Que nos conta do Brazil?

Estava justamente contando ao Benjamin as impressões da minha viagem.

—E como conseguiste transporte para lá? inquiriu um que fora engenheiro notavel.

—Aproveitei esta ultima erupção do Veauvio e voltei a Nappoles. Para garantir melhor o meu incognito procurei embarcar para o Brazil como emigrante italiano e soube com surpresa que o governo havia prohibido a emigração para a nossa terra.

—Não é possível! disseram varias vozes em côro.

—Como eu já contava com essa incredulidade de vocês, tomei as minhas notas. E tirando do bolso uma carteira consultou-a. Decreto de 2 de fevereiro de 1906. Querem que leia?

—Não. Não precisa. Mas isso é um desastre para aquella terra!

Bem, continuou o Jardim, como não pudesse realizar isso no primeiro intento, resolvi me e fui embarcar em Genova.

Ao chegar ao Rio foi grande a minha admiração. A cidade está mudada, está bonita não resta duvida. Trouxe photographias para que vocês vejam.

Foi uma transformação radical. Da Saude á Praia do Passeio, em linha recta, rasgaram uma avenida de perto de dois kilometros. Além desta, outras avenidas, ruas alargadas, trechos magnificos de caes... Está extraordinaria!

—Mas, onde foram elles buscar dinheiro para tudo isso? perguntou um velho que fora da pasta da Fazenda.

—Emprestimos. Sempre esses malditos emprestimos que já quasi, levaram o paiz á banca-rotta!

—E o povo está satisfeito? Perguntou o bondoso velho Bonifacio.

—Ah, meus amigos, a recordação do que soffri na pesquisa minuciosa que fiz por todas as classes sociais ainda me commove dolorosamente.

Prevendo uma longa descrição, todos se sentaram nas pedras, em semi-circulo, ficando

apenas em pé a figura fina e energica de Jardim que com o olhar brilhante, palavra fluente e gesto rapido incisivo, era um esplendido renascimento do grande tribuno da propaganda.

Procurei o povo e achei-o em uma situação vizinha do desespero. O infeliz convalescia de variola em uma casa sem ar, sem luz, sem hygiene, enfim.

Para captar-lhe as sympathias e para que me dêsse as informações que precisava, apresentei-me como jornalista, insinuando-lhe que ia-se fazer alguma coisa em seu favor.

Não acreditou que os esforços no jornalismo fossem efficazes porque já não acreditava em mais nada. Entretanto, para ter o litivito de um desabafo, queixou-se amargamente. Atrando os braços magros para o ar fi-dendo:

—Esta casa, esta casa é o que me mata. Todos trabalhamos para ella e nos fins dos mezes vemos-nos em torturas para pagar o seu aluguel carissimo.

Quando demoliram uma parte da cidade os senhores da imprensa fallaram que nos iamos ficar sem casas e então elles prometteram resolver esse problema. Mas até hoje, ainda não passou de palavrões. Além disso, está tudo carissimo. Antigamente com menos dinheiro comprava-se muito mais coisas.

A minha filha mais velha, a unica que sabe ler, leu ha tempos nas gazetas que estavam tratando de valorizar a moeda, de dar mais valor ao dinheiro. O que eu sei é que o meu dinheiro hoje vale menos porque me dá menos pão, menos carne e menos roupa por elle do que me davam antigamente. Eu, como o sr. vê, estou aqui magro e doente. Tive variola. Como o meu povo trabalha todo fora, a minha mulher que é lavadeira foi pedir para me mandarem para o hospital. Prometteram que me levavam para lá e até hoje, nada. Só não morri porque Deus não quiz. Agora quando ficar melhor vou procurar trabalho, o que é bem difficil de achar. As minhas filhas, coitadas, apesar de duas ainda serem bem pequenas, trabalham nas officinas.

Dos meus filhos, o maior levaram-no para praça, o outro, tem-me dado muitos desgostos. Não pude educar-o. Eu, sempre fóra de casa, e a mãe que vae lavar roupa longe daqui, também não podia estar com cuidado nelle.

Deu para vagabundo.

Ah, meu caro sr., esta vida já me pesa. Não ha mais alegria, nem saude, nem nada. Antes preferia a morte.

Jardim commovera-se ao referir isto e commovera também o auditorio.

—Como está mudado, como está mudado esse povo, disse um dos presentes. Não é mais aquelle que eu vi delirar nas ruas do Rio, no transbordamento de uma alegria sem fim, a 13 de maio.

—Procurei também ouvir o commercio, continuou o orador. O mesmo desanimo e as mesmas queixas.

Impostos suffocantes, rendas poucas e os lucros diminuidos. Mostrando-me os livros dizia-me elle:

—Veja o exagero destes direitos aduaneiros: aqui o custo das mercadorias no estrangeiro; aqui a totalidade dos direitos. Como vê, tudo paga cem, duzentos ou trezentos por cento e mesmo mais. Este artigo paga quinhentos e este seiscentos e tantos por cento.

Da roda de ouvintes partiu uma voz:

—Mas isso é uma loucura, uma desorientação completa. Como é que justificam isso num paiz essencialmente agricola e condemnado a viver da importação ainda durante muito tempo?

—E o proteccionismo. É a protecção á industria, á manufactureira principalmente.

—E ja ha industria no Brazil? perguntou admiradissimo um outro.

—Tem e eu fui ouvil a. Encontrei-a atarefadissima enchendo cheques de centenas de contos.

Perguntei-lhe como iam os negocios. Não iam mal, mas podiam ir melhor: os impostos eram pesadissimos. Enganando-se commigo, pensando que eu ia comprar acções, explicou-me animada que sempre se ia fazendo alguma coisa. Acabava de dar balanço e em recompensa aos estorçados directores que dirigiam os negocios ia mandar-lhes aquelles presentes, aquellas bonificações. E apontava para os cheques que enchia quando entrei.

Perguntei-lhe se os seus negocios davam trabalho a muita gente. A muita. Eu nem podia fazer uma idéa. Ella era a providencia do Brazil.

E, tomando uma attitude altiva e orgulhosa declarou:

—Damos trabalho a mais de 40.000 homens.

—Mas qual é agora a população do Brazil? Perguntou um da roda.

—As opiniões variam: uns dizem-lhe 18 outros 20 e outros 25 milhões.

O velho que censurava o proteccionismo juntou as mãos desoladamente:

—E para proteger uma industria que só occupa 40.000 homens, esmaga-se um paiz inteiro! É uma loucura!

—E a agricultura vae prosperar? Perguntou um que já fora ministro dessa pasta.

—Em crise. O café está desgraçado. Os sertões estão na miséria. No Norte, na região das secas, morre-se de fome.

Si a produção augmenta tudo perde o valor porque os transportes sendo carissimos os productos não podem circular e ficam no mercado desvalorizados tudo.

Além disso, as municipalidades, chegadas também ao cumulo da tributação, suffocam no nascedouro a lavoura miseravel, ignorante e rotineira.

Os productos que logram escapar desta mão de ferro vão morrer na lucta aberta entre os Estados.

—E os Estados estão se guerreando?

—Soceguem, soceguem. É guerra de impostos.

—E o Exercito? Perguntou o taciturno marechal.

—Reorganizado. Serviço militar obrigatorio; voluntario especial; e innumeradas escolas de tiros espalhadas pelo paiz.

O marechal, de olhos no chão, abanava lentamente a cabeça.

Todos o olhavam ansiosos pelo resultado daquelle profunda cogitação. Por fim disse:

—A idéa é boa, mas muito perigosa. Respondendo á muda interrogação dos presentes acrescentou laconicamente!

—Os pronunciamentos!

—E a marinha? perguntou o Mello.

—De vento em poupa e rumo ao mar. Estão construindo os primeiros navios do mundo.

—Quem está na pasta?

—O Alexandrino.

—Bravo! Bom official.

—E o Parlamento? indagou com fraca voz um cavalheiro de olhos vivos e maliciosos.

—O Parlamento, sr. Cotegipe, si o senhor o visse não acreditaria. Foi a ultima coisa que eu vi. Os jornaes haviam annunciado que o «leader» fallaria. Fui para as galerias misturado com o povo. Quando ouvi o enthusiasmo com que elle declarava que aquella era a Republica que elle sonhara; quando ouvi que a maioria lhe dava calorosos applausos, sahi de corrida e suicidei me outra vez.

—E a politica, como vae a politica?

—A politica...

Nisto apparece na curva da ponta dos rochedos a veneranda figura de um velho alto, de cabelllos e longas barbas brancas. Todos se levantaram de prompto, com carinhosa deferencia:

—O imperador.

Approximou-se lentamente do orador e apertando-lhe a mão, disse:

—Soube da sua chegada, sr. Silva e vim cumprimentar-o. Que noticias nos traz da nossa terra?

—Mas, Senhor, muito más.

O venerando velho sentou-se desanimado.

—E' sempre isto, meus amigos, sempre esta desoladora realpasta que nos chega, a nós, que daqui só temos um desejo, a prosperidade da Patria.

E quedou-se a olhar vagamente a linha do horizonte, onde o sol no occaso parecia o incendio de um mundo, uma explosão de luz.

Telé

—x—

As pretensões da Austria quanto á annexação das provincias Herzegovinia e Bosnia, estão renovando a eterna questão dos Balkans, ameaçando a paz do continente europeu, ja bastante melindrosa pelo caso de Marrocos, em que se suppõe está intervindo, ás occultas, o poderoso imperio do Keiser.

UMA CALAMIDADE

Anemia, Dyspepsia, Neuralgia e Rheumatismo.

Outro Caso que Por a Prova o Grande Poder Curativo das Pilulas Rosadas do Dr. Williams

Esta carta deveria trazer consolo e esperança a toda pessoa que leva uma vida infeliz e a qual falta o maior thezouro da existencia: A Saude. E' grato saber-se que existe uma medicina em que se pode ter confiança e este remedio e, sem duvida, o que dá em resultado escrever-se cartas tão sinceras e entusiasticas como a seguinte, endereçada a Dr. Williams Medicine Company por uma conhecida Senhora residente no Natal.

«A abaixo assignada, moradora á Rua do Commercio, No. 99, cidade do Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, de trinta e nove annos de idade, casada e estabelecida com uma casa de pensão na mesma rua, estando doente, durante aproximadamente dois annos, de Rheumatismo, Anemia e Dyspepsia, apresentaram-se os seguintes sympt mas: Muito má digestão, grandes dores de cabeça, muita insomnia, palpações constantes de coração, pernas inchadas, dores rheumaticas de peito, cabeça e costas, a ponto de ficar entredada e não poder levantar-se da cama; muita debilidade geral, emfim um padecer horrivel. Tendo consultado diversos medicos sem resultado, veio sentir grandes melhoras depois de usar, durante vinte dias, das Pilulas Rosadas do Dr. Williams, das quaes tinha visto elogios publicados na imprensa; hoje acha-se completamente curada, depois de tomar apenas quatro frascos no espaço de dois mezes. Autoriza pois a publicação d'este attestado para que todos saibam de tão sorprendente e poderoso remedio. Natal 3 de Agosto de 1906. (assignada) THERESA DE CARVALHO E SILVA.»

As Pilulas Rosadas do Dr. Williams, são um regenerador do sangue, um tónico para os nervos, e soberanas contra anemia, chlorose, neurasthenia, fraqueza geral, rheumatismo, enxaquecas, sciatica, extenuação, irregularidades, etc.

As Pilulas Rosadas do Dr. Williams para Pessoas Pallidas vendem-se em todas as pharmacies a drogarias do Brazil.

Series B—No. 1.

—x—
E' nosso hospede desde alguns dias o Sr. Antonio de Lima Gomes Filho, redactor do «O Maranhão», de S. Luiz, e que aqui se acha em procura do restabelecimento á sua saude alterada.

Visitamos o com a melhor demonstração de camaradagem.

—x—
Por intermedio do sr. Arthur Carvalho, recebemos um numero do Cri-Cri, bem feita revista que se edita na capital Paulista. Agradecemos a fineza.

A INVEJA

Todas as paixões humanas, contêm, ás vezes, alguma cousa de nobre, de elevado, de defensavel, mesmo quando forem, quando são impetuosas, quando estravassam os diques da compostura e do decoro.

Existe, porém, uma que é negra como a noite, suja como a alma do sclerado, abjecta como as podridões donde provém: é a inveja.

O ciúme é quasi sempre a revolta do amor, o exagero, a cegueira dos sentimentos affectivos. O odio, com os seus reverberos de fogo e bramidos de fera, nasce e alimenta-se, em muitos casos, de um motivo justo, poderoso e nobre.

A inveja, porem, é sempre baixa: tem o riso alvar da hypocrisia, a voz sibilante da mentira, o passo desconfiado dos notivagos e furtivos.

O odio rasga corações, distilla sangue, mas, raro deixa a luz do sol. O ciúme provoa escandalos, semeia discordias, mas colloca as victimas uma em frente á outra. Ha alguma cousa de leal no desencadear dessas paixões.

A alma do invejoso, porem, é um mixto de sombras e de traições.

Ella ri para o amigo collocado em evidencia, corteja-o blandiciosamente, elogia as suas virtudes, a sua posição social e politica, os serviços que o levantam á estima publica, mas, (desgraçada victima de um supplicio atroz!) tem as entranhas queimadas pelas chamas infernaes da inveja, e desejaria, com aquelle riso, com aquelles elogios, com aquellas palavras mentidas, envenenar o corpo e o espirito do invejado!

Ao invejoso não escapam os entes que lhe deviam ser mais caros: os seus dardos alvejam, de preferencia, as pessoas em destaque, os homens de virtudes austeras, os que se impoem ao respeito e á admiración dos outros.

Começou no lar invejando as distincções concedidas aos irmãos bem comportados, e entrou pela sociedade, sempre desconfiado e sempre prevenido, atirando olhares odiosos e espalhando versões calumniosas, contra todos os que lhe fazem sombra, contra os bons: armando ciladas á amizade, procurando amesquinhar o merecimento, ridiculá-

risando á virtude—numa faina demoniaca e eterna de destruição!

As multidões apontam-no como um ente dispresivel, mas o invejoso perde toda a noção da justiça, é um joguete do destino, amarrado ao furor da sua inveja,—mundo estreito em que se debate, arquiçoi e geme, caucoso moral dos desviados do bem.

O invejoso tem causado muitas desgraça, mas elle é o maior dos desgraçados, porque, alma do fogo, inveja virtudes, glorias, fama e riquezas,—tudo que toje ao alcance do sua alma perdida, tudo que está alto demais para ser aproveitado por quem vive tão baixo!

O invejoso é um infeliz, porque antes, de tudo, é um doente.

—x—
Voltou a Campo-Maior, hontem, o nosso prezadissimo amigo dr. Flavio Mendes.

Feliz viagem.
—o—
Seguiu ate o sitio S. Luiza tratar de negocio commerciaes o nosso bom amigo coronel Adão Soares.

—x—
A commissão auxiliadora da Exposição Nacional, nesta capital, mandou-nos um folheto contendo catalogo dos objectos expostos pelo Estado no grande certamen.

Agradecemos.
—x—
Acha-se nesta capital o nosso importante amigo coronel Eulalio Filho, conceituado fazendeiro e commerciante em Campo Maior. Visitamos-o.

—x—
Tom a passagem hontem no «Piauí», para Florianópolis o illustre dr. Euripedes Aguiar a quem acompanharam duas de suas gentillimas irmãs.

O digno facultativo que é um impetente na sua profissão, e desejaria, com aquelle riso, com aquelles elogios, com aquellas palavras mentidas, envenenar o corpo e o espirito do invejado!

Boa viagem.

—x—
Está entre nós o importante amigo coronel Arthur do Rego, influencia politica de União.

—o—
O nosso illustre patricio e amigo—senador Raimundo Arthur de Vasconcellos e sua dignissima esposa, qua participaram do nascimento de mais um filhinho que se chamou Manoel Affonso. Nossa filiação: aos venturosos paes.

—x—
Florianópolis 21.—«Republica». —Embarcaram hontem o reverendo Congo Gil, sua committiva, tendo comparecido grande massa popular em seu embarque. As missões estiveram multissimo concorridas. Prepararam grandes festas ao respeito do estimado Doutor Euripedes Aguiar. Instalou-se aqui uma loja maçônica já sendo grande o numero de iniciados. Sabbado haverá banquete, halle offerecido ao veneravel Coronel Sigval de Castro.

Hermano

Os nosso digno patricio sr. Raimundo Fontelle, continua a dar espectaculos, com o seccionemographo fallante, nos proporcionando noites bem agradaveis.

FALLECIMENTOS

Na cidade de Florianópolis renheo a alma o Creador, a 19 do corrente, o nosso distincto amigo José Gonçalves Villarinho, cavalheiro probo e de bons sentimentos, que o puzeram sempre em honroso destaque.

Lamentando estes desenlace, mandamos os nossos sentidos pezames a toda a familia do extincto.

—
Falleceu a 4 de agosto p. passado a exm. sr.ª d. Ernestina Pereira Serpa Brauna, esposa desvelada do sr. Raimundo da Silva Brauna, residentes em Engenho Central, do estado de Maranhão. Sentimentamos a todos os parentes da extincta, especialmente a seo digno filh.º capitão Ernesto da Silva Brauna.

A pedidos

CURADA TUBERCULOSE PELO ESPECIFICO do dr. Nascimento Pereira

Dr. Nascimento Pereira, mediante a importancia de 20% que deverá vir pelo correio, incumbem-se de mandar preparar e remetter sem mais despezas o seu especifico anti-tuberculoso empregado com successo pelos professores Bonver e Carlos Tavares das escolas medicas de Lisboa e Paris.

O especifico tem tambem accção preventiva contra a tuberculose e é eficaz contra a bronchite.

Os pedidos deverão ser dirigidos ao Dr. Nascimento, á Rua da Constituição n.º 5-Rio de Janeiro.

CORRENTE

SR. REDACTOR DO «REPUBLICA»

Tivo hoje occasião de ler em n.º 114 do «O Commercio» de Florianópolis, uma mixórdia do Corrente, da lavra do sr. Benjamin Nogueira, ministro protestante, assalariado do Jackson de Santa Rita. Por ser mais facil a nossa communicação com a Bahia, já eu havia escripto para um jornal d'aqui, relatando os factos da fructuosa visita ou missão do Revm. sr. Congo Gil.

Voude eu agora o despejo com que o sr. Benjamin pretende fazer figura ao longo, quando elle aqui não vale um caracó, não pode soffrer um ataque tão brutal contra a verdade dos factos que se deram diante de numerosas testemunhas. Conservo ainda os meus apontamentos e vou reunir o que anteriormente escrevi.

Queira V. Sr. pôr de parte a carta insolente do sr. Benjamin e a resposta immediata do Revm. Congo Gil, tudo mais é pura phantasia, para não dizer um nome mais feio. Benjamin escreveu a carta como se ditassem uma ordem do dia a seu subalterno, ou commissario uma portaria a um inferior infractor de deveres importantes. Contra tal insolencia protestou o sr. Congo Gil, com attitud franca e enérgica, Benjamin e Joaquim Nogueira desmancharam-se em desculpas.

